

Lusotopie

Número temático codirigido por Gautier Garnier e Pedro Cerdeira

“Escritos do lugar, lugares do escrito na lusotopia (do século XIX aos nossos dias)”

Tema do número

Este número temático aborda a produção e a circulação dos escritos na lusotopia – e não lusofonia – durante uma cronologia longa. Situados, os escritos circulam – ou não –, são conservados – perdidos, destruídos –, apropriados, e contribuem a produzir lugar da mesma forma que lugares lhes são atribuídos (Bombar, Cantillon, 2008). Desde então, participam na construção da localidade no meio de outras ações (Torres, 2011). O sufixo grego *topoi* que caracteriza o título e a ambição da revista convida precisamente a passar pelo lugar ou até mesmo pelos lugares (Cahen, Des Santos, 2018). Trata-se então de interrogar os lugares pela escrita e os escritos pelos lugares. Os escritos, não unicamente em língua portuguesa, são vistos nas suas articulações com os lugares da lusotopia – e inversamente. Eles são ao mesmo tempo tomados como ponto de observação e como objeto observado.

Se os *Lusiadas* de Camões surgem como um livro que fala dos lugares e circula na lusotopia desde a época moderna até ao início do século XXI, diversos outros escritos devem ser considerados, desde os documentos de arquivo e os impressos até aos “escritos ordinários” (Fabre, 1993) passando pelos “escritos expostos” (Petrucci, 1993) e os “escritos cinzentos” (Fossier, Petitjean, Revest, 2019). Todos mantêm relações específicas e/ou partilhadas com os lugares: inscrições e graffiti, cartazes oficiais, guias turísticos, relatórios de inspeção, cadernos de viagem, troca de correspondência, poemas de circunstância, inventários, etc. Quer eles contribuam para instituir o lugar, quer eles nele se desenrolem ou tenham nele origem, estes exemplos (não exaustivos) de escritos remetem para as múltiplas configurações analisáveis à escala da lusotopia.

Estado da arte

Nos últimos quinze anos, trabalhos têm permitido observar as relações entre escrita e localização sem, no entanto, que a articulação entre elas seja problematizada como tal. Em matéria de práticas de escrita, refiram-se as reflexões relativas às questões da apropriação em Angola (Madeira Santos, 2009), as relações entre cultura imperial e escrita (Xavier, 2008; Curto, 2009), ou ainda o papel da escrita no funcionamento administrativo das colónias no

século XX (Cerdeira, 2018). Os trabalhos que se interessam pelos escritos colocam a tónica nas circulações intra-imperiais, tal como a travessia transatlântica da biblioteca real (Schwarcz, 2007) e dos arquivos estatais (Martins, 2007) de Lisboa para o Rio de Janeiro no início do século XIX. As circulações são igualmente transimperiais, como no caso de Goa (Vicente, 2015), ou observadas em conjunto (Bala, 2018). Elas podem nomeadamente virar-se contra o império durante e depois do seu desaparecimento no caso dos escritos denunciando a dominação portuguesa (Boulanger, 2022).

No seguimento do *archival turn*, a historiografia tomou os arquivos como objeto, desde o estatuto da documentação (Rosa, 2012) até aos lugares e condições do seu acondicionamento (Ribeiro, 1998). Ao mesmo tempo, as interrogações em torno das condições da possibilidade de escrita da história de África levaram a problematizar a utilização da documentação colonial (Curto, Lara, Reginaldo, 2015). Entre *archival turn* e história imperial, a correspondência colonial portuguesa do século XIX foi objeto de uma tese recente (Henrique, 2019). Este último estudo inscreve-se igualmente no campo da história do estado que contribuiu para a valorização da importância do escrito no seio da administração estatal e dos lugares burocráticos dos séculos XIX e XX (Tavares de Almeida, Branco, 2007; Estorninho de Almeida, 2008; Subtil, 2011). As autoridades criaram assim lugares onde são produzidos escritos para censurar outros, em particular durante o Estado Novo (Seica, Sá, Rego, 2022).

A história do livro e da leitura colocou em evidência lugares e atores do escrito impresso da época moderna ao século XX (Guedes, 1987; Anselmo, 1997; Curto, 2006; Curto, 2007; Medeiros, 2010) sem, no entanto, fazer do lugar um elemento de problematização, à exceção das bibliotecas (Melo, 2004). As potencialidades desta historiografia foram ainda mobilizadas para o contexto colonial (Pinto, 2007).

O interesse pelos escritos na lusotopia não diz apenas respeito ao objeto de estudo: ele levanta questões metodológicas, em particular quando antropólogos e historiadores se questionam sobre as suas práticas (Roque, Traube, 2019).

Eixos

O número “Escritos do lugar, lugares da escrita na lusotopia” organiza-se assim em torno de artigos partindo de uma problemática comum – a da articulação escritos/lugares – e de um espaço partilhado – a lusotopia. O número temático pretende propor um conjunto de olhares que vão da história à antropologia, passando pela ciência política, a geografia, a sociologia e os estudos literários. Os autores são convidados a privilegiar o estudo de caso a fim de analisar da forma mais fina as relações entre produção de escritos, lugares e níveis de observação. A

cronologia em causa estende-se do século XIX às questões contemporâneas. Três eixos (que servem também de formas de questionário) estruturam o número e as propostas:

- **Eixo 1 – Os escritos face ao lugar.** Os escritos são tidos em conta na medida em que valorizam o lugar, ou seja, que o colocam no centro da sua problematização. O lugar não é apenas um cenário: ele justifica a existência do escrito. Pensamos por exemplo nas histórias locais ou institucionais, nos inquéritos higiénicos ou médicos, nos poemas de circunstância (inaugurações e celebrações diversas). O processo de escrita pode participar na criação de um lugar ou pelo menos na sua reconfiguração: projetos arquitetónicos, urbanísticos, ecológicos e ambientais, artigos de imprensa que divulguem um lugar, decisões administrativas que fazem do lugar um problema, textos de aparato. Este primeiro eixo pretende igualmente demarcar-se das categorias éticas que permitem a classificação *a priori* dos escritos (literários, administrativos, jornalísticos, científicos, etc.) para privilegiar as categorizações émicas. Desde logo, o que é que o lugar faz ao escrito, às condições da sua produção, da sua receção e da sua classificação? A re-publicação num outro lugar produz um deslocamento ou uma reclassificação?
- **Eixo 2 – Usos dos lugares, usos dos escritos.** O lugar pode ser tomado como escala de análise para observar as práticas de escrita no meio de outras ações. Este ponto de observação não desmerece a dimensão das práticas que se podem desenrolar para lá do lugar (nação, império, transnacional, transimperial). Ao inscrever a produção de um ou vários escritos no meio de outras práticas localizadas, torna-se possível pensar o que produzir um escrito quer dizer: escreve-se para se se integrar no lugar – e nos seus problemas (escritos jornalísticos) –, mobiliza-se um lugar como recurso de escrita (relatos de viagem, artigos de imprensa, romances), escreve-se sobre o lugar para o controlar (escritos administrativos, inquéritos médicos) – a lista não é obviamente exaustiva. Este segundo eixo leva à análise, à escala local, do lugar dos escritos e dos seus produtores no mundo social.
- **Eixo 3 – Materialidades.** Este terceiro eixo propõe interessar-se pelas questões da transmissão (ou não), da cópia (total, parcial), da conservação (ou destruição) dos escritos, entre materialidades dos suportes e variação dos lugares. Os escritos são recolocados no centro de uma temporalidade por vezes de vários séculos (conservação

dos arquivos, redescoberta) e de uma geografia em movimento (colonização/descolonização, urbanização). Ao olhar para os escritos em função da sua materialidade interrogamo-nos sobre as condições e efeitos do fenómeno da deslocalização: que faz ao escrito a separação de um lugar? Os lugares institucionais dedicados à conservação dos escritos (bibliotecas, centros de arquivos, museus), à sua produção (gabinetes de administração ou de empresa, tipografias, imprensa) ou à sua transmissão (correios) devem ser tomados em conta, mas outros lugares podem ser considerados (domicílios, espaço público, etc.). Da mesma forma, as questões sociopolíticas e político-culturais da conservação dos escritos e da constituição de arquivos devem ser levadas em conta. A revolução digital levanta a questão da desmaterialização dos escritos ou antes da sua rematerialização através de suportes informáticos. Para além disso, esta reflexão em torno das materialidades permite debruçar-se sobre o papel dos atores da circulação e retransmissão dos escritos. Enfim, a atenção dada à materialidade leva a considerar escritos e imagens em conjunto. Nesse aspeto, os mapas constituem um objeto híbrido. As renovações recentes da história da fotografia sugerem uma aproximação possível em torno da copresença da imagem e da escrita à escala de álbuns ou outros suportes de conservação e apresentação.

Calendário

- Chamada: 15 de março de 2025
- Envio de propostas (resumo de 500 palavras) para gautier.garnier@hotmail.fr e Pedro.Cerdeira@unige.ch: 9 de junho de 2025
- Notificação de aceitação ou rejeição: 1 de julho de 2025
- Envio dos artigos (primeira versão): 1 de outubro de 2025
- Publicação: primeiro semestre de 2026

Bibliografia indicativa

ANSELMO, Artur, *Estudos de História do Livro*, Lisboa, Guimarães Editores, 1997.

BALA, Poonam, *Learning from Empire : Medicine, Knowledge and Transfers under Portuguese Rule*, Newcastle-upon-Tyne, Cambridge Scholars Publishing, 2018.

BOMBART, Mathilde et CANTILLON, Alain, « Localités : localisation des écrits et production locale d'actions – Introduction », *Les Dossiers du Grihl*, 2008/1, URL : <http://dossiersgrihl.revues.org/2163> ; DOI: 10.4000/dossiersgrihl.2163.

BOULANGER, Dorothée, *Fiction as History : Resistance and Complicities in Angolan Postcolonial Literature*, Abingdon-on-Thames, Taylor & Francis, 2022.

CAHEN, Michel, DOS SANTOS, Irène (dir.), « Lusotopie, Lusotopy. What Legacy, What Future ? », *Lusotopie*, XVII (2), 2018, p. 187-203.

CERDEIRA, Pedro, « Reconstruire le quotidien administratif à Cacheu (Guinée-Bissau) à la fin des années 1950 », *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, n° 140, 2018/4, p. 69-81.

CURTO, Diogo Ramada (dir.), *Estudos de sociologia da leitura em Portugal no século XX*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

CURTO, Diogo Ramada, *Cultura escrita (séculos XV a XVIII)*, Lisboa, ICS, 2007.

CURTO, Diogo Ramada, *Cultura Imperial e Projetos Coloniais (séculos XV a XVIII)*, Campinas, Editora Unicamp, 2009.

CURTO, José, LARA, Silvia Hunold et REGINALDO, Lucilene (éd.), « Dossiê : Arquivos da África austral – potencialidades », *Africana Studia*, n° 25, 2015.

ESTORNINHO DE ALMEIDA, Joana, *A Cultura Burocrática Ministerial. Repartições, empregados e quotidiano das Secretarias de Estado na primeira metade do século XIX*, Tese de doutoramento em sociologia histórica, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008.

FABRE, Daniel (éd.), *Écritures ordinaires*, Paris, POL, 1993.

FOSSIER, Arnaud, PETITJEAN, Johann et REVEST, Clémence, *Écritures grises. Les instruments de travail des administrations (XII^e-XVII^e siècles)*, Paris, EFR/École Nationale des Chartes, 2019.

GUEDES, Fernando, *O Livro e a Leitura em Portugal. Subsídios para a sua história (séculos XVIII-XIX)*, Lisboa, Editorial Verbo, 1987.

HENRIQUE, Sónio Isabel Duarte Pereira, *Informar, administrar, conservar prova: circuitos e significados da correspondência no arquivo colonial (Direção-Geral do Ultramar, 1835-1910)*, Tese de doutoramento em história, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2019.

MADEIRA SANTOS, Catarina, « Écrire le pouvoir en Angola. Les archives ndembu (XVII^e-XX^e siècles) », *Annales. Histoire, Sciences sociales*, 2009/4, p. 767-795.

MARTINS, Ana Canas Delgado, *Governança e arquivos: D. João VI no Brasil*, Lisboa, Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, 2007.

MEDEIROS, Nuno, *Edição e Editores. O mundo do livro em Portugal (1940-1970)*, Lisboa, ICS, 2010.

MELO, Daniel, *A Leitura Pública no Portugal Contemporâneo (1926-1987)*, Lisboa, ICS, 2004.

MORITZ SCHWARCZ, Lília, *A Longo Viagem da Biblioteca dos Reis. Do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*, São Paulo, Assírio&Alvim, 2007.

PETRUCCI, Armando, *Jeux de lettres. Formes et usages de l'inscription en Italie, 11^e-20^e siècles*, Paris, Éditions de l'EHESS, 1993.

PINTO, Rochelle, *Between Empires. Print and Politics in Goa*, New Delhi, Oxford University Press, 2007.

RIBEIRO, Cândida Fernanda Antunes, *O acesso à informação nos arquivos*, Dissertação de doutoramento em Arquivística, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1998.

ROQUE, Ricardo, TRAUBE, Elizabeth G. (éds.), *Crossing Histories and Ethnographies. Following Colonial Historicities in Timor-Leste*, New-York/Oxford, Berghahn, 2019.

ROSA, Maria de Lurdes (org.), *Arquivos de família, séculos XII-XX : que presente, que futuro ?*, Lisboa, IEM/CHAM, 2012.

SEIÇA, Álvaro, SÁ, Luís et REGO, Manuela (coord.), *Obras proibidas e censuradas no Estado Novo: Biblioteca dos Serviços de Censura e « Obras Proibidas » na Biblioteca Nacional*, Lisboa, BNP, 2022.

SUBTIL, José Manuel, *O Desembargo do Paço (1750-1833)*, Lisboa, EDIUAL, 2011.

TAVARES DE ALMEIDA, Pedro et BRANCO, Rui Miguel (coord.), *Burocracia, Estado e Território. Portugal e Espanha (séculos XIX-XX)*, Lisboa, Livros Horizonte, 2007.

TORRE, Angelo, *Luoghi. La produzione di località in età moderna e contemporanea*, Roma, Donzelli Editore, 2011.

VICENTE, Filipa Lowndes, *Entre dois impérios. Viajantes britânicos em Goa (1800-1940)*, Lisboa, Tinta-da-China, 2015.

XAVIER, Ângela Barreto, *A Invenção de Goa. Poder imperial e conversões culturais nos séculos XVI e XVII*, Lisboa, ICS, 2008.